

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA ESCOLA: um estudo de caso sobre androcentrismo e ginocentrismo no contexto educacional.

Elton da Silva Rodrigues,(Seduc/Ce) tonsilrod@gmail.com

RESUMO

Este estudo apresenta relatos de ações realizadas em uma escola da rede estadual de ensino localizada na Vila de Umari, Acopiara/Ce. A proposta destas atividades foi promover debate crítico das relações do patriarcado e ginocentrismo, através de materiais expositivos e roda de conversa. A investigação analisa como essas perspectivas influenciam interações sociais, a percepção contemporânea e a relevância de fala da mulher, contribuindo muitas das vezes para a construção da desigualdade de gênero. O objetivo central visa promover um ambiente acolhedor, utilizando de debates sobre estereótipos de gênero, a mulher no mundo do trabalho e círculos de diálogo na promoção da cultura de paz. Os resultados indicaram reconhecimento da história de luta feminina ao longo dos anos através de muito esforço e conseqüentemente surtiu avanços na conscientização de alunos e comunidade escolar, mas também destacaram a necessidade de um esforço contínuo para transformar práticas escolares e consolidar uma rede para equidade de gênero.

Palavras-chave: *Equidade de gênero. Androcentrismo. Ginocentrismo.*

1 INTRODUÇÃO

O androcentrismo e o ginocentrismo representam duas abordagens contrastantes, mas essenciais, para compreender as dinâmicas de gênero. O primeiro coloca o homem como o centro da sociedade, perpetuando sua superioridade, enquanto o segundo, embora menos discutido, reflete a tendência de sobrevalorizar o ponto de vista feminino. Este estudo investiga como essas abordagens moldam as relações de gênero, com foco na questão da soberania masculina enraizada na sociedade e no modelo familiar tradicional.

A pesquisa se concentra no ambiente escolar, onde ainda prevalecem estereótipos de gênero que dificultam a valorização do ponto de vista feminino. A pergunta norteadora é: Como os estereótipos de gênero perpetuam o androcentrismo e dificultam a valorização

do ponto de vista feminino na escola contemporânea? Este é um questionamento relevante, pois ainda é comum ver adolescentes enfrentando bullying e machismo no contexto educacional e social.

Historicamente, as relações de gênero sempre privilegiaram os homens, enquanto as mulheres enfrentaram exclusão e opressão. A caça às bruxas na Idade Média é um exemplo emblemático dessa dinâmica. Apesar das conquistas femininas ao longo do tempo, os desafios estruturais ligados à hierarquia patriarcal continuam presentes.

Este estudo visa, por meio de entrevistas e relatos de experiências, evidenciar como os estereótipos de gênero impactam a vida das mulheres, suas interações e a construção de suas identidades. A pesquisa busca também analisar os efeitos do patriarcado e da masculinidade hegemônica no cotidiano feminino, com o objetivo de promover a igualdade de gênero e combater a discriminação e a violência.

2 DESENVOLVIMENTO

O presente projeto foi desenvolvido com atores da EEMTI Francisco Assis Vieira em âmbito escolar no ano em curso. Contou com a participação do professor da área de Ciências Humanas e alunos matriculados na referida instituição, cujo intuito principal é trazer reflexões pertinentes as questões de equidade e percepção do conceito patriarcal do androcentrismo enraizado nos pilares do meio social e por conseguinte educacional. O relato tem caráter de pesquisa quantitativa com abordagem crítica. Que, de acordo com Silva e Simon (2005) este tipo de pesquisa deve ser aplicado quando existir um entrave definido, seguido de informações e conceitos suficientes a respeito do objeto de estudo, melhor dizendo, a abordagem qualitativa deve ser utilizada quando há um conhecimento prévio das qualidades e malefícios do que será estudado. Foi desenvolvido um questionário estruturado com perguntas objetivas e escalas Likert, que, todavia, tem a proposta de ser um modelo prático e simplista, hoje é uma das mais utilizadas em pesquisas de opiniões, de Likert (1932), coletar dados que possibilitam a análise quantitativa e a reflexão crítica sobre os seguintes temas:

1. **Androcentrismo:** sobrevalorização do homem, macho.
2. **Ginocentrismo:** centralização e valorização da percepção feminina.

O questionário foi aplicado com 20 alunos da eletiva atualidades para o ENEM no 1º semestre do ano vigente, sendo 10 homens e 10 mulheres, tendo como justificativa a combinação de atores de várias séries e turmas da instituição, onde foi possível ter amostra de diferentes faixas etárias, gêneros e percepções de mundo diferenciadas.

Ao longo deste relato foram realizadas muitas outras ações, tais como: estudos de casos, círculos de diálogo, seminários com temas pontuais, atualidades no Brasil sobre falas machistas, produções textuais e anotações conjuntas de temas diversos. O foco desta ação foi voltada para a percepção da sociedade patriarcal e machista, onde muitas das vezes um homem tem privilégios por ser branco, hétero e cisgênero. Uma hierarquização de regalias consolidada desde o período colonial, onde mulheres/esposas comandavam a organização da casa e sua escrava preta ou parda tinha o serviço braçal ou o senhor branco herdava escravos para a manutenção de suas terras dos seus pais. O sentido dessas comparações servem para exemplificarmos a rede hierárquica passada em gerações: Homem branco > mulher branca > homem preto > mulher preta > LGBTQIAPN+.

Figura 1 – círculo de diálogo.



Fonte: Autor 2025

Figura 2 – Seminário sobre a divisão do trabalho.



Fonte: Autor 2025

Figura 3 – Estudo de caso sobre modelos patriarcais.



Figura 4 – Matriarcalismo x patriarcalismo



Fonte: Autor 2025

Figura 5 – Anotações sobre empoderamento feminino

Fonte: Autor 2025

Figura 6 – Anotações sobre gênero e sexualidade





Figura 8 – Anotações movimentos sociais LGBTQI+



Os dados foram obtidos e analisados utilizando técnicas estatísticas para identificar

padrões e correlações entre as diferentes sessões investigadas. A partir dos dados quantitativos, foi realizada uma análise crítica das categorias. As respostas, foram comentadas sob a perspectiva de conceitos de equidade de gênero. Importante salientar que os participantes foram informados sobre os objetivos das ações e garantiram seu consentimento. Os aspectos éticos e a confidencialidade das respostas foram assegurados. Para que não houvesse intervenção ou influência nos resultados, os voluntários se mantiveram anônimos.

Ficou perceptível que a combinação de análises quantitativas e críticas fornecem uma visão detalhada das experiências de distinção de gênero que contribuem para um debate significativo sobre como promover a equidade e combater preconceitos.

3 PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações sociais de gênero ao longo da história foram evidenciando a separação entre o papel social dos gêneros, definindo os lugares dos homens e os das mulheres na sociedade, sempre ressaltando o androcentrismo e nunca o ginocentrismo. Androcentrismo é um termo promulgado pelo sociólogo norte-americano Lester F. Ward (SOUZA, 2009) que caracteriza os aspectos que levam em suma o homem como foco, como o centro de tudo e contrapondo essa perspectiva temos a terminologia ginocentrismo (do neolatim gyno e grego gynL, gynaikós, "mulher, elemento feminino") que é a prática, consciente ou não, de colocar mulheres ou o ponto de vista feminino como focal da visão de mundo pessoal. Essa separação fez com que as mulheres fossem excluídas de espaços onde pudessem exercer um de seus direitos primários, a liberdade. Com isso se foi criando uma prática constante de uma posição de subordinação social e cultural, e apenas após muito esforço e tempo é que as mulheres conseguiram conquistar direitos e buscar o combate à discriminação e a violência.

A feminilidade é um universo de nuances, onde a delicadeza se entrelaça com a resiliência, e a intuição se une à sabedoria. Acredita-se que o feminino deve ser evocado em oposição ao silêncio, doloroso que foi imposto pela cultura patriarcal e tradições familiares intimidadoras para a mulher. O processo de construção da realidade social é permeado pela relação com o outro, quando se aborda a questão de gênero pressupõe-se

um sistema hierárquico vertical, propício ao processo de submissão e opressão na relação entre os gêneros. Presume-se assim, que a questão referente à igualdade de gênero é bastante complexa e abrange diversos fatores, que interligados, contribuem para uma situação opressora e de conflito, se faz necessários iniciativas concretas de promoção da igualdade de gênero como forma de proteção e prevenção às diferentes formas de violência contra as mulheres.

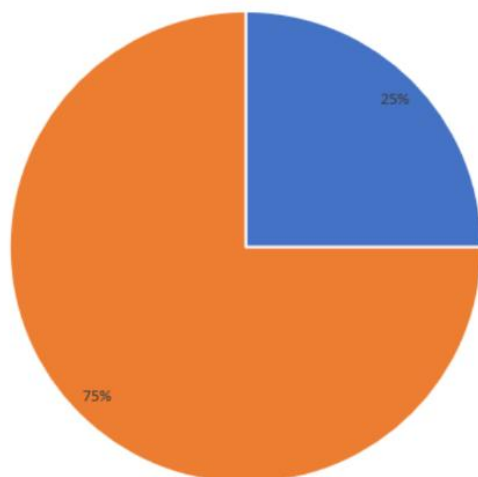
Quando voltamos além da sociedade contemporânea, podemos associar o período da caça às bruxas, na Idade Média, onde muitas destas mulheres que eram tidas como “profanas” só queriam a liberdade de escolherem seus destinos, que tão sutil mas que naquele período também conhecido como “Idade das Trevas” que segundo Le Goff (1984), foi um termo utilizado pelos humanistas do século XVII, onde generalizaram o período de toda a civilização Europa entre os séculos IV ao XV, categorizando como um tempo de ruína e flagelo. Onde as desigualdades sociais e a soberania da Igreja eram predominantes, nesse período teve a famosa caça às bruxas, onde muitas mulheres inocentes perderam suas vidas simplesmente por serem inteligentes ou demonstrarem algum dote além de cuidar da casa e se sua prole.

Tivemos como foco principal deste relato, evidenciar as conquistas e avanços na sociedade para a valorização da mulher, tais como: direito à educação (1827), direito ao voto (1932), ir para a universidade (1970), Lei Maria da Penha (2006), Lei Mariana Ferrer (2021), entre outros. Essas conquistas representam marcos importantes na luta pela igualdade de gênero, refletindo o esforço coletivo de mulheres que enfrentam barreiras históricas para garantir seus direitos. No entanto, é essencial considerar que, apesar dos avanços, ainda há desafios significativos, como a desigualdade salarial, a violência de gênero e a sub-representação feminina nos espaços de poder. Por isso, a valorização da mulher deve continuar sendo uma prioridade, com ações concretas que promovam a equidade em todas as esferas da sociedade.

Trataremos agora das questões investigadas que foram divididas em seções onde analisaremos a resposta voluntária de um grupo de 20 atores. Cada resposta foi assinalada em concordância ou discordo e de forma voluntária e anônima, trazendo segurança e ética nos dados obtidos neste relato, onde busca sempre vislumbrar os avanços femininos ao longo da história antiga e contemporânea.

SEÇÃO 01: Direitos femininos	CONCORDO	DISCORDO
Você entende que teve ou tem algum avanço significativos na participação das mulheres em cargos de liderança política ao longo da história?	12	8
As mulheres foram historicamente sub-representadas nas ciências e tecnologias?	5	15

Gráfico 1 – Direitos femininos

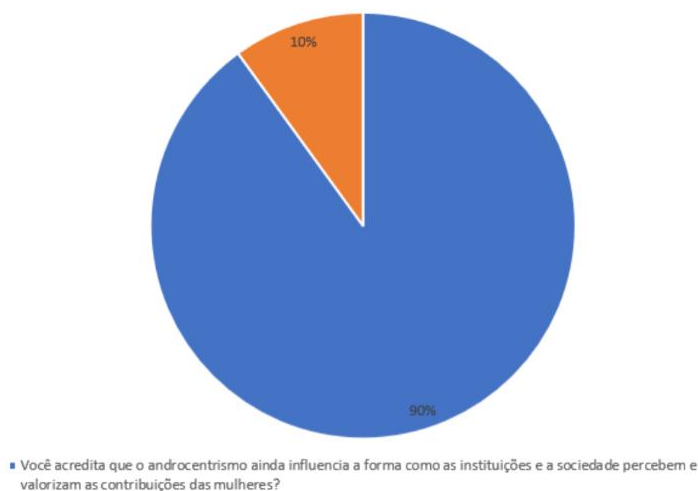


Fonte: Autor 2025

Podemos perceber que as mulheres entendem que hoje na história moderna, algumas mulheres estão bem-sucedidas politicamente, em cargos que representam a todos, só que nem sempre foi assim. Em uma análise mais recente sobre a exclusão de grupos minoritários, busca-se compreender a visão que prevaleceu até o século XX a respeito do papel secundário da mulher na sociedade e a consequente desconfiança em sua capacidade de gestão. Nesse contexto, Perrot (1988, p. 167-184) traça um panorama histórico que remonta à tradição judaico-cristã, onde a mulher é associada à origem do mal e da desgraça devido ao pecado original. Posteriormente, surge a figura da conselheira sedutora, influente nas decisões tomadas no ambiente conjugal, sendo vista como responsável pelos infortúnios e identificada como mentora e agente dos delitos. Além disso, o mito da mulher redentora, capaz de transformar o mundo, culmina na percepção de uma nova e inquietante responsabilidade feminina, até chegar à construção da ideia de um matriarcado liderado por mulheres guerreiras, caracterizadas por força e habilidades físicas, à semelhança das Amazonas.

SEÇÃO 02: Androcentrismo e Ginocentrismo	CONCORDO	DISCORDO
Você acredita que o androcentrismo ainda influencia a forma como as instituições e a sociedade percebem e valorizam as contribuições das mulheres?	18	02
Você acredita que o ginocentrismo influencia a forma como certas narrativas sociais e culturais favorecem as experiências e perspectivas femininas em detrimento das masculinas?	05	15

Gráfico 2 – Androcentrismo e Ginocentrismo

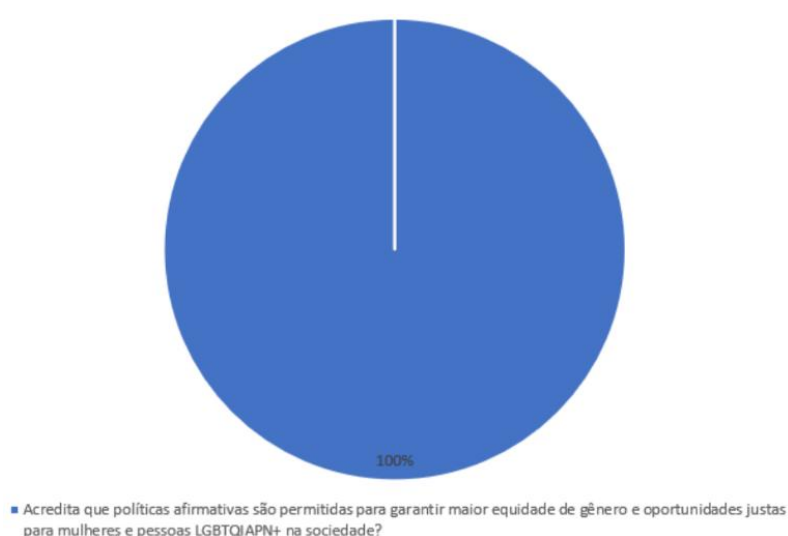


Fonte: Autor 2025

Com esta análise podemos identificar que mesmo com as questões patriarcais e com foco no “homem”, prevalecem nas perspectivas do feminino, mesmo em questões onde as mulheres devem ter destaque os homens ofuscam sua autonomia e seu ponto de vista, criando assim uma narrativa onde as mulheres passem a serem vistas como muitas vezes como: desequilibrada, louca, descompensada ou algo além destas terminologias com viés ruim. O conceito de androcentrismo foi introduzido pelo sociólogo americano Lester F. Ward (SOUZA, 2009) e refere-se às perspectivas que colocam o homem como centro de análise social. Esse conceito está diretamente relacionado à ideia de patriarcado. No entanto, não se limita apenas ao privilégio masculino, mas também à maneira como as vivências dos homens são tomadas como referência universal para toda a humanidade. Dessa forma, essas experiências são consideradas a norma para ambos os gêneros, sem um reconhecimento pleno e igualitário das vivências femininas. As sociedades que se estruturam dessa forma também são denominadas falocêntricas.

SEÇÃO 03: Equidade de gênero com foco nas minorias: mulheres e LGBTQIAPN+.	CONCORDO	DISCORDO
A equidade de gênero ainda enfrenta desafios significativos quando se trata da inclusão e valorização de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ em espaços de poder e tomada de decisão?	17	03
Acredita que políticas afirmativas são permitidas para garantir maior equidade de gênero e oportunidades justas para mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na sociedade?	20	0

Gráfico 3 – Equidade de gênero com foco nas minorias: mulheres e LGBTQIAPN+



Fonte: Autor 2025

Grupos minoritários tendem a ter empatia uns pelos outros na perspectiva de um suporte íntegro, mesmo sabendo que ainda existe muito preconceito enraizado com a comunidade LGBTQIAPN+, acabam que as mulheres cisgênero ou não tendem a acolhe-los. Ao desconsiderar as histórias individuais e focar apenas em aspectos específicos da relação da pessoa com a droga, corre-se o risco de torná-la invisível. Spinoza (2013) aponta que a essência da vida está nos encontros. Assim, o acolhimento do indivíduo e sua trajetória se dão nesse processo, nos fluxos de afetos que surgem e se fortalecem em cada interação. Se os encontros são fundamentais para a vida, então “a vida é concebida como uma potência que se manifesta entre os sujeitos, nas relações e vínculos que estabelecem (e que os moldam); como a capacidade de afetar e ser afetada” (Neves & Heckert, 2010, p.162).

Com base nestes dados obtidos pudemos entender que muita coisa já evoluiu ao longo dos anos, mas também existe sempre alguma coisa para melhorar. Entendemos que

os atores investigados terão muita maturidade ao longo da vida nesta temática, pois, estão tendo um contato orientado, tornando uma impressão empática das minorias e das relações abordadas nos encontros: avanços históricos femininos, representatividade, conceitos de androcentrismo e ginocentrismo e ao fim relações de gênero e sexualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência vivenciada no ambiente escolar, este estudo evidencia desafios relacionados às influências do androcentrismo e do ginocentrismo na construção das relações de gênero no espaço educacional. Observe-se que, muitas vezes, as práticas pedagógicas e interações institucionais reforçam padrões tradicionais que perpetuam desigualdades, seja pela valorização excessiva de perspectivas masculinas ou pela idealização de perspectivas que as favoreçam.

Durante a análise, vimos que alguns estudantes internalizam normas e valores que reforçam comportamentos enraizados em uma cultura patriarcal. Esse processo, muitas vezes inconsciente, contribui para a reprodução de estereótipos que limitam as possibilidades de atuação e desenvolvimento tanto de meninas quanto de meninos. Como exemplo, disposições que a participação feminina em atividades de liderança e debates era frequentemente desencorajada ou subestimada, enquanto características como submissão e silêncio eram valorizadas, em detrimento da autonomia e do patriarcalismo recorrente.

Essa experiência reforça a necessidade de repensar estratégias educacionais que promovam uma abordagem mais equitativa e inclusiva, incentivando a desconstrução de padrões engessados e o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as influências socioculturais no comportamento de alunos e alunas. A criação de espaços de diálogo e reflexão sobre equidade de gênero dentro da escola se mostra fundamental para garantir que todas as pessoas tenham oportunidades reais de aprender e se encontrar enquanto cidadão e eterno aprendiz.

Assim, o fortalecimento de laços colaborativos entre educadores, estudantes e a comunidade escolar é essencial para transformar uma escola em um ambiente que estimule a igualdade e o respeito. Cada avanço rumo a uma educação mais equitativa representa um passo significativo na construção de uma sociedade em que todos possam contribuir e prosperar sem limitações impostas por estereótipos de gênero. Desta forma, ao promover

um ambiente educacional mais justo e inclusivo, abre-se caminho para uma transformação de significação e firmeza social.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, J. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa: Gradiva, 1984. p. 11-31.

LIKERT, R. **A Technique for the Measurement of Attitudes**. Archives of Psychology, New York, n. 140, p. 1-55, 1932.

NEVES, P.; HECKERT, A. L. **Modos de Vida, Encontros e Afetos: Cuidado e Formação em Saúde**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2010. p. 162.

PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. v. 12.

SILVA, D.; SIMON, F. O. **Abordagem quantitativa de análise de dados de pesquisa: construção e validação de escala de atitude**. Cadernos do CERU, São Paulo, v. 2, n. 16, p. 11-27, 2005.

SOUZA, R. F. **Androcentrismo**. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/sociologia/androcentrismo-6724/artigo/>. Acesso em: 16 ago. 2025. Link indisponível (404) em 16 jan. 2026.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.